

OS WERNECK FRENTE UMA ESTRUTURA EM CRISE

Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci
(UNESP — Franca)

Levando-se em consideração que até o momento presente a historiografia brasileira carece ainda de uma real abertura para um amplo debate científico, parece-nos que o estudo de Eduardo Silva — **Barões e Escravidão** (Nova Fronteira/Pró-Memória/Instituto Nacional do Livro) representa um passo concreto para o caminhar historiográfico, que não deve assentar-se apenas no abstrato.

Ao analisar os fazendeiros de café fluminense ao longo do desenvolvimento da crise estrutural escravista monárquica brasileira e da reorganização do trabalho em novas bases, pesquisou, e com muita propriedade, três gerações de proprietários rurais do Vale do Paraíba — a Família Werneck: o Barão de Pati do Alferes, seu filho Luiz e o neto André — recompondo-nos a evolução da estrutura sócio-econômica do trabalho servil e da substituição pelo trabalho livre.

Embora separados pela cronologia do tempo, os Werneck permaneceram irmanados na defesa da propriedade, demonstrando-nos o autor, as vinculações dos interesses de “classe” desses “barões do café”. Cumpre-nos salientar que classe social foi considerada como “uma categoria histórica, isto é, definindo-se no interior de estruturas econômico-sociais concretas”, e, portanto, não existindo isoladamente, mas sempre dentro de um “sistema de classes” (p. 36).

Neste significativo estudo de caso, enfatiza-nos Eduardo Silva, sobretudo no que tange à segunda metade do século XIX no Brasil, ser ele um “período extremamente complexo de crise do modo de produção escravista colonial, ainda dominante, e de paulatina estruturação do capitalismo dependente” (p. 33), demonstrando que “os mesmos fatores responsáveis pela expansão e apogeu, isto é, a manutenção do escravismo colonial como área periférica do capitalismo, serão responsáveis, pouco mais tarde, pela crise generalizada do sistema” (p. 140).

Assim, coloca-nos o Barão de Pati como homem de mentalidade colonial, para quem a escravidão era a ordem natural das coisas e, por isso mesmo, despossuído de uma consciência objetiva dos problemas geradores da crise na fazenda de café escravista; seu filho Luiz Peixoto de Lacerda Werneck, tentando a conciliação da ordem escravista com a pequena propriedade, trabalhada por imigrantes; e, André, que desde seus vinte e

cinco anos, já sonhava com a República para o Brasil, vendo na Abolição a outorga da classe dominante e, na Monarquia, o vínculo tolhedor da iniciativa particular.

Utilizando-se de rica e farta documentação, além de excelente referencial bibliográfico, este trabalho não pode deixar de ser discutido, repensado e porque não dizemos ? ser base para futuras análises de outras áreas, a fim de que histórias regionais sejam realizadas para que saiamos das generalizações apressadas (e que ainda persistem entre nós), sobretudo acerca da sociedade escravista e da abolição, ou seja, da transição do trabalho escravo para o livre.